

O CIBERESPAÇO COMO MOTIVADOR DA LINGUAGEM POÉTICA

Luciana Oliveira*

Nair Floresta Andrade Neta**

Resumo: Diante da ampliação do ciberespaço como ambiente de interação, leitura e produção de textos diversos, as formas de leitura mudaram, o que deu origem a um novo perfil de leitor. Formar leitores de poesia no ambiente escolar é um desafio para educadores na era digital, uma vez que os estudantes tendem a ter paixão pela tecnologia. Desta forma, o professor, que é o mediador do processo de formação do leitor, pode incentivar a leitura literária com o auxílio da tecnologia. Com o crescimento de blogs, *fanfics* e *e-books*, além de aplicativos específicos para leitores e escritores de poesia, a escola pode ter um aliado como motivador para o desenvolvimento da linguagem poética. O presente artigo tem por objetivo levantar discussões sobre o uso do ciberespaço na escola como estímulo para o desenvolvimento da linguagem poética, bem como apresentar algumas sugestões para sua utilização em sala de aula.

Palavras-chave: Ciberespaço. Linguagem Poética. Escola. Leitura.

Abstract: Faced with the expansion of cyberspace as an environment of interaction, reading and production of diverse texts, the forms of reading have changed, which has given rise to a new reader profile. Forming poetry readers in the school environment is a challenge for educators in the digital age, since students tend to have a passion for technology. In this way, the teacher, who is the mediator of the process of formation of the reader, can encourage literary reading with the aid of technology. With the growth of blogs, fanfics and e-books, as well as specific applications for readers and writers of poetry, can the school have an ally as a motivator for the development of poetic language. This article aims to raise discussions about the use of cyberspace in school as a stimulus for the development of poetic language, as well as to present some suggestions for its use in the classroom.

Key words: Cyberspace. Poetic Language. School. Reading.

Introdução

A linguagem poética costuma ser trabalhada pela escola quando o assunto é o poema. Os alunos passam a ler os grandes poetas brasileiros nos livros didáticos, e quando possuem biblioteca, leem também nos livros. Com a expansão do ciberespaço e o constante crescimento de blogs, sites, redes sociais e aplicativos para *smartphones* e *tablets*, a linguagem poética ultrapassou a fronteira do livro impresso e impregnou a internet. Este artigo busca levantar discussão acerca do uso do ciberespaço na escola, em especial quando se trata do estímulo para a linguagem poética. Para isso, permearemos a questão do que é o ciberespaço, qual o perfil do leitor atual, como a escola deve encarar essa inserção no meio digital e quais as possibilidades que o ciberespaço oferece para o desenvolvimento da referida linguagem.

* Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC.

** Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC.

O ciberespaço

Computadores, *notebooks*, *tablets*, *smartphones* e as redes digitais estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano: caixas eletrônicas, *smartcards*, *smart tvs*, totens de atendimento. São as Tecnologias da Informação e Comunicação, doravante TIC, que estão tomando conta do cotidiano de todas as pessoas, escolarizadas ou não. A Internet – rede mundial que interliga milhões de computadores e de usuários, uma TIC que iniciou sua expansão na década de 90 – não para de crescer e agregou ao nosso vocabulário uma palavra que fazia parte apenas dos domínios da ficção científica, o ciberespaço, ou seja, o espaço virtual.

O termo *cyberspace*, segundo Lévy (1999), foi criado pelo escritor de ficção científica Willian Gibson em seu romance *Neuromancer*, escrito em 1984. No livro, essa palavra se refere ao universo das redes digitais em relação às batalhas entre multinacionais. Imediatamente esse termo foi utilizado pelos criadores e usuários das redes digitais. Para Lévy (1999, p.92), o ciberespaço “é um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”, e o neologismo cibercultura se refere a “um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos, de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17).

De acordo com os pressupostos desse pesquisador e filósofo tunisiano, o ciberespaço possibilita muitas formas de interação e comunicação, entre as quais, o acesso à distância aos diversos recursos do computador, a transferência de dados ou *upload/download*, o correio eletrônico, as conferências eletrônicas, os sistemas avançados de aprendizagem e os mundos virtuais multiusuários, em graus de complexidade diferentes. Lévy (1999) ainda ressalta que o espaço cibernético é um espaço de interação humana que já tem uma grande importância no universo econômico e científico, e amplia-se, cada vez mais, aos campos da Pedagogia, da Estética, da Arte e da Política.

Pinheiro (2013) reitera as ideias de Lévy (1999) quando destaca o aspecto humanizador das tecnologias. Para a autora, estas “não são máquinas apenas - ganharam um novo papel, humanizador, com as preocupações da interação homem-máquina e a socialização

do conhecimento” (PINHEIRO, 2013, p. 25). O ciberespaço pode ser visto como uma dimensão da sociedade em rede, onde os fluxos moldam novas formas de relações sociais.

De acordo com os estudos de Santaella (2007), o ciberespaço representa o conceito de rede no qual a geografia física não importa, já que podemos sair de um lugar e chegar a outro através de um click. “A habilidade para simular ambientes dentro dos quais os humanos podem interagir” (2007, p. 178) é a característica prioritária do ciberespaço. A autora explica que o acesso ao ciberespaço

se dá por meio de interfaces que nos permitem penetrar nos seus interiores e navegar a bel-prazer pela informação – consubstanciada em linguagens hipermidiáticas, linguagens mistas, híbridas, escorregadias, feita de misturas de textos, linhas, sinais, imagens, ruídos, sons, músicas e vídeos- que esses interiores disponibilizam em arquiteturas de conteúdo organizado (SANTAELLA, 2007, p. 178-179).

Esses conteúdos são exibidos numa página, que tem por trás uma infinidade de informações que estão organizadas em diversos *links*. Santaella (2007) aponta que há muitas “palavras de ordem” no ciberespaço, dentre as quais destaca alguns verbos: disponibilizar, expor-se, trocar e colaborar. Todos esses verbos reiteram o caráter interativo do ciberespaço, que teve um notório crescimento a partir do surgimento das redes sociais, como o antigo *Orkut* e o atual *Facebook*.

Quando se fala em ciberespaço, em rede de computadores, pensamos no *notebook* ou no antigo PC, no entanto, hoje, temos celulares, chamados de *smartphones*, que são telefone, máquina fotográfica, filmadora, televisão, cinema, GPS, tocador de música, entre outros recursos, ao mesmo tempo, pois estão conectados à Internet por um chip e possuem um sistema operacional como o *Android*, *IOS* ou *Windows Phone*. A todo momento novos aplicativos são inventados através dos quais as pessoas podem conversar via mensagem escrita ou vídeo, podem acessar as redes sociais como *Facebook* e *Twitter*, utilizar o *Internet Banking* para realizar transações bancárias, encontrar um livro na Biblioteca Nacional, escrever livros, acessar informações escolares, entre múltiplas ações. Além disso, cada vez mais as empresas e instituições estão utilizando o ciberespaço para promover vendas, trocas, serviços, inscrições em concurso, segunda via de contas, *check-in*, entre alguns serviços que hoje estão disponíveis exclusivamente no ciberespaço, como a Declaração do Imposto de Renda. Dessa forma, não é mais possível pensar no cotidiano sem o auxílio das TIC, e isso se aplica também à escola.

O perfil do leitor da era digital

O ciberespaço trouxe uma infinidade de gêneros textuais, e com uma quantidade imensa de informação e a multimodalidade cada vez maior nos textos, o modo de se ler também mudou. O perfil do leitor atual não é o mesmo do leitor do início do século XXI, aliás, segundo Chartier (1999), cada era tem seu tipo de leitor, sua forma própria de leitura, novas formas de leitura são inventadas e outras são extintas. O leitor do livro sem gravuras tinha um modo de ler diferente do leitor de um livro com gravuras, com letras de formatos diferentes, também diferente do leitor de revista e jornais, como é o dos livros eletrônicos. “Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao livro eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler” (CHARTIER, 1999, p. 77). O leitor tem se ajustado às mudanças nos modos de ler, consequência do aparecimento dos novos suportes, ao longo da história da humanidade. O que acontece, segundo Chartier (1999), são adaptações. Dessa forma, um novo suporte, geralmente, surge partindo de características do seu antecessor, o que gera a familiaridade, facilitando o processo de adaptação do leitor.

Segundo as pesquisas de Santaella (2004), há três tipos de leitores: o contemplativo, o movente e o imersivo. O leitor contemplativo ou meditativo, que nasce da relação íntima entre o leitor e o livro, é aquele que lia (lê) em silêncio, que buscava (busca) um lugar para ler em sua solitude, de modo íntimo e privado, o leitor da era do livro impresso e da imagem fixa.

Com o advento tecnológico como a televisão, jornais, revistas, *outdoors*, surge o leitor movente, fragmentado, que nasce com a vinda do jornal e das multidões dos centros urbanos. “É o leitor que foi se ajustando a novos ritmos da atenção, ritmos que passam com igual velocidade de um estado fixo para um móvel” (SANTAELLA, 2004, p. 29). Já o leitor imersivo, virtual, surge com o crescimento das redes de telecomunicação, especialmente da internet, é o leitor das múltiplas imagens e dos ambientes virtuais de comunicação imediata. Esse novo perfil condiz com a necessidade e o acúmulo de informações que são oferecidas largamente pelos espaços interativos. Sem ordem para ler, multitarefas, multileituras, o leitor imersivo está sempre pronto para receber e ler novas informações e traçar seu próprio caminho no ciberespaço.

Conforme a autora, tais alterações do perfil do leitor se deram historicamente, movidas por transformações sociais, inclusive hoje, com tantos dispositivos móveis, de

acordo com pesquisas recentes de Santaella (2016), a hipermobilidade deu origem a um quarto tipo de leitor, ao que a pesquisadora denomina de leitor ubíquo, que “nasce do cruzamento e mistura das características do leitor movente com o leitor imersivo” (SANTAELLA, 2016, p.102). É ubíquo porque as mídias móveis permitem que a informação e a comunicação sejam acessadas em qualquer momento, em qualquer lugar, situando o leitor numa atmosfera física e informacional, concomitantemente. É o leitor advindo dos novos espaços virtuais. A autora ressalta, porém, que um tipo de leitor não substitui o outro.

Cada um deles, o contemplativo, o movente, o imersivo e o ubíquo, apresenta um perfil cognitivo próprio, acionando, portanto, habilidades mentais, perspectivas e motoras que lhe são específicas. Quanto mais competência o leitor tiver nessas diferenciadas facetas do ato de ler, tanto mais ricas e diferenciadas são suas habilidades cognitivas e preparo para a vida (SANTAELLA, 2016, p. 104).

Marinho (2016) acrescenta que os leitores acostumados aos meios digitais, ao fazer leituras longas, tendem ao tédio, pois o leitor ubíquo é extremamente rápido e gosta da agilidade na informação. Isso nos mostra que os sistemas digitais, de alguma forma, afetam nossa mente. O pesquisador explica que estes sistemas acabam por nos direcionar para comunicações mais rápidas, fluxo de informações mais variados e intensos, mais facilidade de integrar a inteligência da máquina/humanos, além de mais interações de linguagem e código.

A partir dos estudos de Hayles (2012), Marinho (2016) afirma que o cérebro se adapta a essas mudanças exteriores, ou seja, na medida em que as ferramentas digitais modificam o meio, este se torna mais adequado à adaptação humana. Ele acrescenta que as novas mídias trouxeram um novo tipo de leitura, a *Hyper Reading*, a qual tende a causar mudanças morfológicas no cérebro, mudanças cognitivas e comportamentais “pela experiência e prática rotineira da divisão ou manutenção da atenção em um ambiente carregado de informações fragmentadas, justapostas e reorganizadas” (MARINHO, 2016, p. 129).

Dessa forma, a ubiquidade a que Santaella (2016) se refere, coincide com essas modificações que a era digital tem proporcionado aos seres humanos. Portanto, ela também está presente no perfil dos leitores que compõem a geração Z, geração que já nasceu com as tecnologias digitais, que está nas escolas, dos estudantes que não conseguem ficar sem seus *smartphones* e têm a sua vida mediada pelas TIC.

Resultados de uma pesquisa realizada por Xavier (2011), sobre as formas de aquisição do letramento digital pela Geração Y¹, cujo objetivo era identificar como essa nova geração tem aprendido e utilizado as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) dentro e fora da escola, mostram que essa geração, por estar exposta a dispositivos tecnológicos desde cedo, adquirem essa forma de letramento de maneira natural e isso suscita impactos positivos no seu processo de aprendizagem escolar.

O pesquisador pernambucano entende o letramento digital como “a aquisição de um conjunto de habilidades para ler, escrever e interagir com a mediação de equipamentos digitais” (XAVIER, 2001, p. 01). Se entendermos que a Geração Y compreende as pessoas que nasceram no início dos anos 1980/1990 quando as novas tecnologias adentraram com mais força as sociedades, e segundo a pesquisa, essa geração tem muita habilidade com as TIC, podemos entender também que a geração Z, na qual os estudantes do ensino fundamental estão inseridos, já nasceu no auge dessas tecnologias, o que indica que já são naturalmente habilitados, por isso são chamados de nativos digitais, pois

são unidos por um conjunto de práticas comuns, incluindo a quantidade de tempo que passam usando tecnologias digitais, sua tendência para as multitarefas, os modos como se expressam ou se relacionam um com o outro de maneiras mediadas pelas tecnologias digitais, e seu padrão de uso das tecnologias para ter acesso, usar as informações e criar novo conhecimento e novas formas de arte. (PALFREY; GASSER, 2011, p. 14).

No entanto, nossos estudantes estão imersos numa infinidade de informações, exercendo multitarefas, acessando diversos *links* ao mesmo tempo, posto que, “O mundo da comunicação eletrônica é um mundo da superabundância textual cuja oferta ultrapassa a capacidade de apropriação dos leitores” (CHARTIER, 2002, p. 20). Desse modo, possivelmente os jovens não sabem como lidar com isso; e se não sabem filtrar as informações, acabam tornando-as fragmentadas e desorganizadas. Muitos deles se limitam aos games online, às redes sociais, e apertam o curtir e o compartilhar sem análise, o que deixa de lado a leitura crítica e a alteridade. Está aí uma das funções da escola nesta era digital: transformar informação em conhecimento. Sobre isso, Gómez (2015) comenta que

o desafio da escola contemporânea reside na dificuldade e na necessidade de transformar a enxurrada desorganizada e fragmentada de informações em conhecimento, ou seja, em corpos organizados de proposições, modelos, esquemas e mapas mentais que ajudem a entender melhor a realidade, bem como a dificuldade

¹A Geração X engloba os nascidos entre o início dos anos 1960 e o final dos anos 1970; a Geração Y refere-se aos nascidos entre o início dos anos 1980 e o início dos anos 1990 (numa sociedade já mediada pela tecnologia), e a Geração Z é nascida após 1995, na era da internet e das redes sociais.

para transformar esse conhecimento em pensamento e sabedoria (GÓMEZ, 2015, p. 28).

Dessa forma, essa nova geração não carece de informação e de dados, mas de uma relevante e significativa arrumação das informações tendenciosas e fragmentadas que recebem continuamente nas múltiplas telas e redes sociais. Esse novo cenário, segundo Angel Pérez Gómez (2015), exige mudanças na formação dos futuros cidadãos e por isso "apresenta desafios inevitáveis para os sistemas educacionais, as escolas, o currículo, os processos de ensino e aprendizagem e, claro, para os professores" (GÓMEZ, 2015, p. 28).

Para o pesquisador espanhol, de nada adiantam novas tecnologias se a pedagogia continua a mesma. O processo ensino-aprendizagem deve ter como foco o desenvolvimento de competências, e não a transmissão de informações, buscando desenvolver também as atitudes, a afetividade e os valores. "A missão da escola é ajudar a desenvolver capacidades, competências e qualidades humanas fundamentais que o cidadão contemporâneo precisa para viver satisfatoriamente em complexos contextos na era da informação" (GÓMEZ, 2015, p. 46), reiterando os objetivos para a Educação básica já indicadas na LDB.

Quando se trata especificamente da leitura, deve-se compreender que o ler e o escrever usando as tecnologias digitais se tornam mais complexos uma vez que o estudante estará em contato com hipertextos, links, imagem, som e outros diversos recursos em um mesmo momento, em diversas linguagens e discursos, devendo escolher a sua forma de interagir com o que lê ou escreve. A leitura com o hipertexto significa, segundo Couto (2016, p. 42), "selecionar, comentar, reescrever, atualizar e modificar permanentemente o escrito", dessa forma, todos somos leitores e escritores ao mesmo tempo. O texto, nos novos suportes tecnológicos,

permite novos tipos de leitura: uns textos se conectam a outros por meio de ligações hipertextuais, possibilitando o exame rápido de conteúdo, acesso não linear e seletivo do texto, segmentação do saber em módulos, conexões múltiplas, processo bem diferente da leitura em papel impresso (LÉVY, 1996 apud GALLI, 2005, p. 123).

Diversos estudiosos como Coscarelli (2016), Ribeiro (2011), Rojo (2010), Xavier (2010), entre outros, vêm, ao longo desta década, promovendo/incentivando a ampliação da utilização dos recursos digitais na educação através de publicações que buscam divulgar ações escolares exitosas que utilizaram as tecnologias digitais como forma de estímulo para outros professores.

Os professores de Língua Portuguesa têm no ciberespaço uma série de recursos, a começar pela própria língua, afinal a interação acontece através da linguagem. Os gêneros digitais, que estão circulando a todo momento, são objetos de ensino-aprendizagem. Segundo as ideias de Goulart (2011), a navegação na Internet permite o acesso a muitos textos, em gêneros variados, ao mesmo tempo; por meio de links, um texto vai acessando outro e outro em diversas semioses.

Essa interação com o texto, porém, se dá de forma diferente daquela com o texto em papel, pois no texto eletrônico o leitor lida “com temporalidades e espacialidades que estão inscritas na modificação das bases materiais de novo objeto que geram diferentes estratégias de leitura, de diálogos” (GOULART, 2011, p. 54), portanto, as leituras e escritas digitais se configuram como parte da condição letrada do sujeito.

Os novos gêneros nascidos na esfera da atividade social de novas tecnologias dependem da formação de sujeitos letrados, por isso Goulart (2011, p. 56) entende que neste país com tantas desigualdades, formar cidadãos “autores de suas próprias leituras e da produção de seus próprios textos” continua sendo um grande desafio para a escola.

Um sujeito letrado se forma a partir de diversas formas de letramento, como temos afirmado neste trabalho. Ribeiro (2011) acredita que é possível aumentar o nível de letramento de um aluno, ampliando seu contato com diversas formas de escrita. Para isso é importante torná-lo um experimentador de textos e suportes, explorando suas possibilidades.

O leitor, cada vez mais letrado, deve ganhar a versatilidade de lidar com todos os gêneros, de maneira que não tenha a sensação de completo estranhamento quando tiver contato com novas possibilidades de texto ou de suporte. O letramento além de significar a experiência com objetos de leitura, também deve possibilitar que o leitor deduza e explore o que pode haver de híbrido e reconhecível em cada gênero ou em cada suporte, e, assim, manipulá-lo como quem conquista, e não como quem tem medo (RIBEIRO, 2011, p. 135-136).

O sujeito letrado, portanto, sabe estabelecer relações entre os suportes de leitura e escrita, conhece formas variadas de manipulação dos textos e por isso tem grande familiaridade com novos suportes que surgem a cada momento, como é o caso dos aplicativos para *smartphones* e *tablets*.

Diante do exposto, pensamos que a escola deve, entre outras atribuições, qualificar a participação dos estudantes nas práticas digitais. Para isso, Rojo e Barbosa (2015) sugerem que a escola proporcione experiências significativas com gêneros que circulam na internet: refletir, avaliar e sustentar opiniões, adequar os comentários; apurar a confiabilidade

das fontes, os critérios e objetivos das imagens, além de “refinar os processos de produção e recepção de textos multissemióticos” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 135). Dessa forma, o objetivo da escola não é apenas letrar, mas mutiletrar, o que se torna um grande desafio para gestores e professores.

A escola na era digital

Inserida numa sociedade cada vez mais digital, a escola precisa associar o ensino aos recursos oferecidos pelas TIC, ou seja, fazer uma ponte entre as novas linguagens tecnológicas e os processos de ensino-aprendizagem, o que não é simples. Sabemos que há escolas equipadas com computadores e acesso à Internet, contudo, a presença dessas ferramentas não significa necessariamente o uso adequado delas. Essa também não é a realidade da maioria das escolas da rede pública de ensino, principalmente as das zonas periféricas e rurais, todavia, não podemos pensar que isso quer dizer que os estudantes não têm acesso ao mundo digital. Pelo contrário.

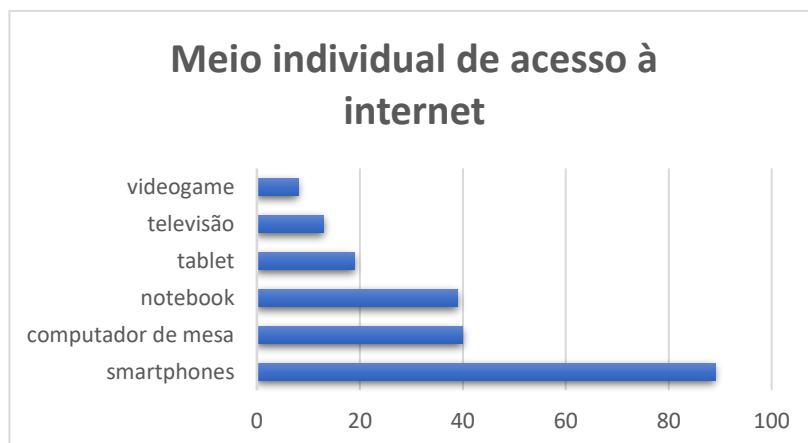
Pesquisas recentes realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgadas pela mídia em abril de 2016, sobre o acesso à internet nos domicílios brasileiros, com dados² coletados em 2014, mostram que 36,8 milhões de lares já tem acesso à internet, o que representa 54,9% do total. Em 2013, o índice era de 48%. O IBGE apontou ainda que o número de internautas chegou a 54,4% das pessoas com mais de 10 anos em 2014, ou seja, são 95,4 milhões de brasileiros com acesso à internet.

Outra pesquisa realizada entre novembro de 2015 e junho de 2016, divulgada pelo Portal Brasil³, indica que 58% dos brasileiros usam a internet, representando 102 milhões de internautas. Segundo a pesquisa, o *smartphone* é o dispositivo mais utilizado para o acesso individual da internet por 89% dos usuários, em seguida está o computador de mesa, o *notebook*, o *tablet*, a televisão e o videogame, como mostra o gráfico a seguir.

Figura 1– Meio individual de acesso à internet

² Dados divulgados pelo Jornal G1, disponível em <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/04/internet-chega-pela-1-vez-mais-de-50-das-casas-no-brasil-mostra-ibge.html>>. Acesso em: 15 set. 2016.

³ Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/ciencia-e-tecnologia/2016/09/pesquisa-revela-que-mais-de-100-milhoes-de-brasileiros-acessam-a-internet>>. Acesso em 22 set. 2016.



Fonte: Resultado da pesquisa⁴

Diante desses resultados, constatamos o crescimento do acesso ao mundo digital e essa tecnologia não pode estar desagregada da educação uma vez que ela “é parte integrante do processo educativo e não deve ser tratada isoladamente” (O. J. RIBEIRO, 2011, p. 91), afinal, a escola já está inserida na cultura digital.

O letramento digital, que implica “tanto a apropriação de uma tecnologia quanto o exercício efetivo das práticas de escrita que circulam no meio digital” (FRADE, 2011, p.60), aliados a outros letramentos, é essencial para a concretização dessa ideia. E é importante que não se tenha a ideia de que o computador substitui a figura do professor, mas este, dotado de conhecimento, “poderá auxiliar o aluno no seu desenvolvimento, como cidadão em um mundo digitalizado” (MACIEL; LIMA, 2010, p.152), ou seja, o professor é responsável pela mediação do conhecimento na sala de aula.

Complementando essa ideia, Palfrey e Gasser (2011, p. 276) entendem que não faz nenhum sentido o uso das TIC na escola só porque se acha “legal”. Segundo os autores, é necessário que se determine quais são os objetivos da atividade, para dessa forma descobrir como essas tecnologias podem ajudar os estudantes a atingir tais objetivos. Para eles, a escola tem uma tarefa muito difícil: “como evitar a armadilha de fugir da tecnologia por um lado e, por outro, abraçá-la em locais aos quais ela não pertence” (p. 277). Para que essa realidade se consolide na escola, faz-se necessário algumas ações, muitas delas de responsabilidade dos professores. Estes, antes de tudo, precisam reconhecer que as TIC têm grande potencial

⁴ Produzido a partir dos dados da pesquisa citada. Disponível em < <http://www.brasil.gov.br/ciencia-e-tecnologia/2016/09/pesquisa-revela-que-mais-de-100-milhoes-de-brasileiros-acessam-a-internet>>. Acesso em 22 set. 2016.

pedagógico, “justamente por serem suportes privilegiados e inovadores para que nos informemos com mais intensidade, para que nos comuniquemos com mais agilidade e para que nos expresemos com mais liberdade” (LACERDA SANTOS, 2011, p. 530).

Maciel e Lima (2010) acreditam que se os professores não forem letrados digitalmente, esse processo de inserção das TIC na escola dificilmente se concretizará, e isso pode ser feito com o auxílio dos próprios estudantes. “Pensar em letramento digital sem pensar no papel do educador qualificado é inviável, visto que a implementação de um novo processo de ensino/aprendizagem requer professores adequadamente preparados” (MACIEL; LIMA, 2010, p. 153). Utilizar as TIC no processo educativo amplia a comunicação entre professor e aluno, além do tráfego de informação educacional e cultural.

Para os autores supracitados, a educação mediada pelas tecnologias digitais tende a promover a interação entre aluno e professor e a autonomia dos estudantes, já que eles aprendem no seu próprio ritmo e ficam satisfeitos em poder utilizar, dentro do ambiente escolar, os recursos que lhe são tão familiares lá fora. Dessa forma,

os professores aprendem ao mesmo tempo que os estudantes e atualizam continuamente tanto os seus saberes 'disciplinares' como suas competências pedagógicas [...] A partir daí a principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento (LÉVY, 1999, p. 25).

Sabemos que nem todos os professores possuem esse letramento, mas também é possível que grande parte deles também utilizem *smartphones* e *notebooks*, o que facilita bastante, pois não são desconhecedores digitais. Há uma gama de recursos disponíveis para a Educação na Internet. Se o professor tentar se esforçar um pouco mais, e ainda contar com os colegas e os gestores da escola, poderá inserir em suas aulas materiais interativos, textos, vídeos, ilustrações, e ainda acessar o conteúdo didático disponível no Banco Internacional de Objetos da Aprendizagem que oferece material digital para diversas áreas do conhecimento. O portal *Escrevendo para o futuro*, que auxilia as Olimpíadas da Língua Portuguesa em todo Brasil, disponibiliza diversos recursos digitais sobre os gêneros textuais, como poema, crônica, artigo de opinião e texto de memórias, além de também oferecer aos professores cursos online que abordam o universo da leitura e da escrita.

Xavier (2011) acredita que a utilização do computador como ferramenta pedagógica auxilia no desenvolvimento de habilidades, como a autonomia na aprendizagem,

liberdade de expressão, senso crítico aguçado; facilidade de comunicação emocional, interesse pelos acontecimentos do mundo, curiosidade e vontade de pesquisar assuntos polêmicos, respeito ao diferente, busca de soluções dos problemas. De acordo com as ideias de Moran (1997),

ensinar na e com a Internet atinge resultados significativos quando se está integrado em um contexto estrutural de mudança do processo de ensino-aprendizagem, no qual professores e alunos vivenciam formas de comunicação abertas, de participação interpessoal e grupal efetivas. Caso contrário, a Internet será uma tecnologia a mais, que reforçará as formas tradicionais de ensino. A Internet não modifica, sozinha, o processo de ensinar e aprender, mas a atitude básica pessoal e institucional diante da vida, do mundo, de si mesmo e do outro (MORAN, 1997, p. 06).

Outrossim, é importante integrar o uso das TIC com o conteúdo escolar, o que muda o papel do professor, que deve passar de ser um transmissor de informação para um facilitador/ mediador da aprendizagem. Tudo isso, claro, requer planejamento com objetivos claros e também que o professor “experimente” os recursos das TIC antes de colocá-los em prática na sala de aula. Com o pensamento nas modificações das relações das práticas escolares de leitura e de escrita em decorrência do caráter de virtualização e digitalização característicos da cultura digital, Ribeiro (2012) alerta para a necessidade cada vez mais real do letramento digital, o qual está dentro de uma rede de possibilidades do letramento mais amplo,

ele pode começar no impresso e partir para os meios digitais, uma vez que muitas ações se assemelham nesses ambientes; ou fazer o trajeto no sentido contrário. O importante é compreender que a relação entre os dispositivos para a comunicação foi recentemente reconfigurada. Consequentemente as possibilidades e as exigências do letramento, também (RIBEIRO, 2012b, p. 45).

Dessa forma, esse letramento digital, segundo a autora, amplia as possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital, o que vai da aprendizagem de novos gestos e usos das tecnologias até a leitura dos gêneros digitais. Nessa categoria, entra o texto literário que não é apenas lido/escrito no papel, mas também na tela dos dispositivos móveis.

A linguagem poética no ciberespaço

O ciberespaço está recheado de linguagem poética, quer seja em blogs, sites, redes sociais ou aplicativos para tablets e smartphones. Nunca se viu tanta gente escrevendo poesia, basta observar o número de páginas no *Facebook* que promovem a divulgação de poemas de grandes a anônimos poetas. No *Instagram*, rede social específica de fotos, encontramos diversas imagens em comunhão com um poema, cuja linguagem poética é também

multimodal. O *Tumblr*, plataforma de *blogging* que permite a publicação de textos, imagens, vídeos, entre outras coisas, está repleto de páginas de poetas iniciantes, muitos deles são adolescentes que mergulharam na produção de texto poético. Há também diversos vídeo-poemas no *Youtube*, os quais utilizam a multimodalidade textual.

Talvez a leitura e produção de texto poético seja até maior no ciberespaço do que em livros impressos, visto que quase todo adolescente dos centros urbanos possui um *smartphone*. Se eles estão o tempo todo portando esse instrumento que os conecta com o mundo, por que a escola não aproveita e desenvolve ainda mais a linguagem poética?

Para que não abramos mão dos livros impressos que devem ser lidos na escola (e fora dela), nem dos artefatos digitais dos alunos, sugerimos uma sequência didática baseada na sequência expandida de Rildo Cosson (2014). Nesta, há as seguintes etapas: motivação, introdução, leitura, primeira interpretação, contextualização, segunda interpretação e expansão.

Para a etapa da **motivação**, sugerimos que os alunos assistam ao filme *Poesia (Shi)* (2010), de Lee Chang-Dong (Coreia do Sul). Após a exibição do filme, os alunos devem opinar sobre a história narrada, o que tem a ver com a poesia e de que forma a poesia entrou na vida da protagonista. A etapa seguinte é a **introdução**, na qual os livros de poesia são apresentados de maneira lúdica e motivante pelo professor. Sugerimos os livros do PNBE disponíveis na biblioteca da escola, *O tempo escapou do relógio e outros poemas*, de Marcos Bagno e *Poesia de bicicleta*, de Sergio Capparelli, por tratarem de temas voltados à adolescência. A etapa da **leitura** pode ser feita em grupos, na sala de aula ou em qualquer outro espaço escolar. Durante a leitura, o professor fará o que Cosson (2014) chama de Intervalos, que é uma pequena interrupção da atividade para saber o que estão lendo, como estão lendo, pedir que alguém recite, entre outras possibilidades. Sugerimos que os alunos façam um desenho que represente o poema que está lendo ou o que mais gostou no livro.

Partimos então para a etapa da **primeira interpretação**. A proposta é produzir um recital, onde cada aluno recita o poema escolhido e faz a relação com o seu desenho. Sugerimos o uso do aplicativo *Whatsapp* para a postagem de áudios com a leitura dos poemas, com direito aos comentários dos colegas.

A próxima etapa é a **contextualização** que compreende o “aprofundamento da leitura por meio dos contextos que a obra traz consigo” (COSSON, 2014, p. 86). Pode ser

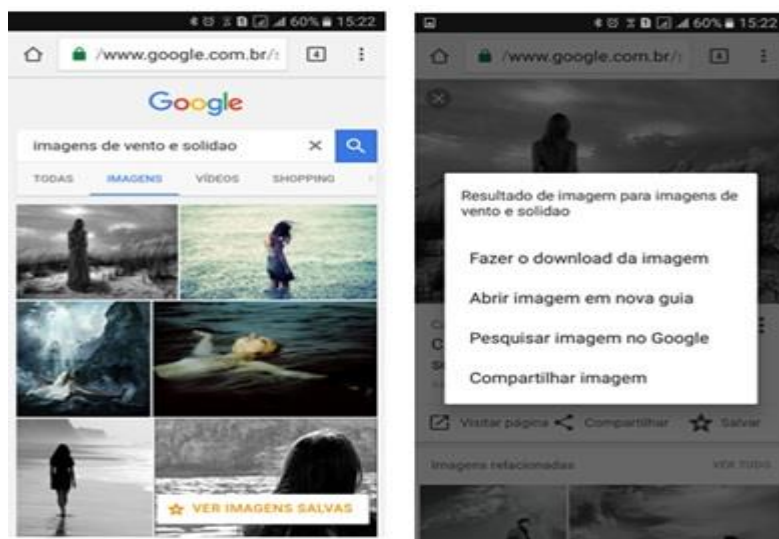
feita de diversas formas, uma delas é pela temática. Por tratarem o tema adolescência, pode-se começar a partir da imagem que está presente na página do poema, levantando questionamentos sobre o que significa, sobre o que fala, quais sensações despertadas, inclusive comparando com os desenhos dos alunos, entre outras possibilidades.

Como a **segunda interpretação** visa a uma leitura mais aprofundada de um aspecto da obra, sugerimos um mosaico dos temas retratados nos poemas através de recortes de jornais com notícias, imagens, reportagens, charges, e qualquer outro gênero que trate de temas como a adolescência, o medo, a violência, o amor, as relações familiares. Esse trabalho pode ser dividido para os grupos onde cada um fica com um tema. O mosaico será em forma de um grande mural que será exposto na sala de aula e apresentado aos colegas de turma.

A **expansão** é a etapa de ultrapassar o limite do texto lido. A partir dos temas tratados na obra, os alunos vão escrever seus próprios poemas, retratando sua forma de ver sua própria vida. Claro que o professor deverá trabalhar como é o gênero textual poema e quais as características da linguagem poética anteriormente. Finalizadas as produções textuais que devem ser mediadas pelo professor, os estudantes utilizarão aplicativos de *smartphones* para produzir um vídeopoema, de maneira bem simples. Observemos o passo a passo que fizemos, com o poema utilizado na 5ª etapa dessa sequência.

Passo 1: Relacionar cada trecho/versos/estrofes do seu poema a imagens que serão coletadas através do Google Imagens. Em seguida, salvar as imagens em seu dispositivo, conforme mostradas nas capturas de tela a seguir.

Figura 2 - Telas do Google Imagens

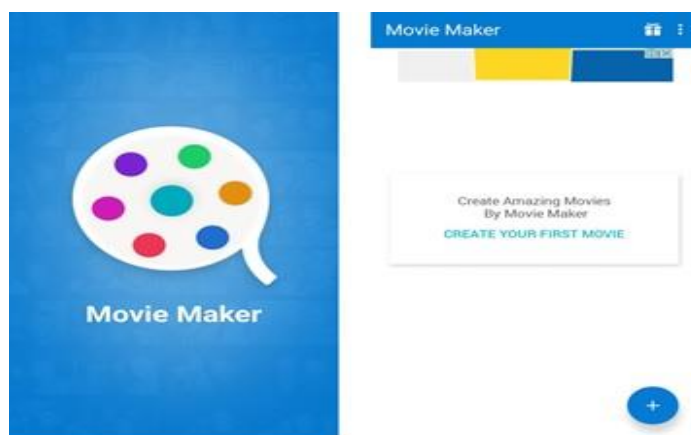


Fonte: Captura de tela em: www.google.com.br

Na sequência acima, temos a busca pelas imagens através dos temas na página do Google, seguida da forma como salvar no celular, que nessa tela, encontra-se em “Fazer o *download* da imagem”.

Passo 2: Baixar o aplicativo *MovieMaker* a partir do *Play Store* para a produção do vídeo. Esse aplicativo permite a inserção de imagens, texto e som, além de possibilitar efeitos e animações.

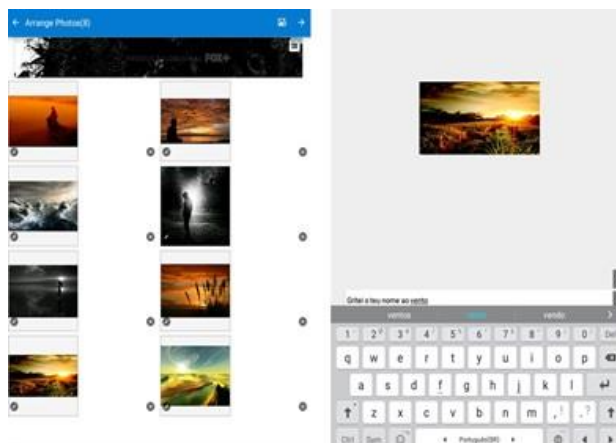
Figura 3 - Telas do Smartphone: *Moviemaker*



Fonte: Captura de tela (arquivo pessoal)

Ao abrir o aplicativo, seleciona-se a opção de criar seu vídeo “*Create your first movie*”, clicando no ícone +. Em seguida, inserem-se as imagens já salvas no dispositivo, na ordem em que se deseja. Depois, clica-se em cada imagem no ícone em forma de lápis abaixo de cada uma para editá-la, assim pode-se digitar o texto correspondente, conforme mostram as capturas de tela a seguir.

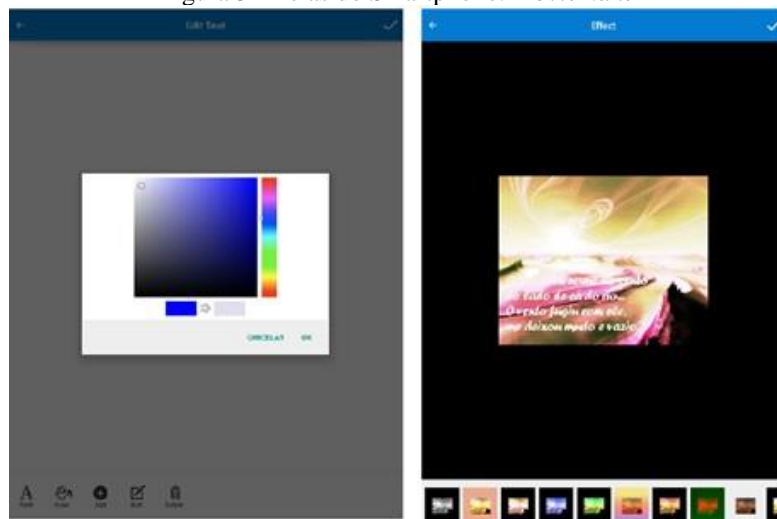
Figura 4 - Telas do Smartphone: *Moviemaker*



Fonte: Captura de tela (arquivo pessoal)

É possível escolher a cor e o tipo da letra (fonte), assim como inserir efeitos nas imagens, conforme vemos nas capturas de tela abaixo.

Figura 5 - Telas do Smartphone: *Moviemaker*



Fonte: Captura de tela (arquivo pessoal)

Esse aplicativo oferece a possibilidade de mostrar o vídeo dentro de uma moldura, que o usuário pode escolher, como por exemplo, dentro de uma TV, de um aquário, entre outros. Vejamos nas capturas a seguir:

Figura 6 - Telas do Smartphone: *Moviemaker*



Fonte: Captura de tela (arquivo pessoal)

Antes de finalizar a edição de vídeo, vamos inserir uma música instrumental que transmita a sensação do poema. Para isso, vamos baixar o aplicativo Palco MP3 que disponibiliza diversos arquivos musicais autorizados pelos autores. A seguir, basta escrever “instrumental” na ferramenta de busca que vão aparecer diversos arquivos. Hora de ouvir, selecionar e salvar no dispositivo. Para isso, o aplicativo oferece várias opções de compartilhamento desde a utilização do *WhatsApp*, *Facebook*, *Messenger*, até salvar do *Drive* e enviar via *Bluetooth*. Feito isso, retorna-se ao *Movie Maker* para finalizar a edição do vídeo.

Retornando ao *MovieMaker*, finaliza-se a edição do vídeo, inserindo dados do autor (aluno) e o que mais desejar identificar. No próprio aplicativo há as opções de salvar ou compartilhar o vídeo, semelhante ao Palco MP3. Pode-se fazer a exibição dos vídeos para a própria classe ou para a comunidade escolar via *Datashow*, ou pode-se usar as redes sociais (*Facebook*) ou aplicativos de mensagens (*WhatsApp*).

Considerações finais

A escola não pode ficar para trás na era digital. É importante utilizar os recursos dos quais os estudantes tanto gostam e utilizam para despertar o interesse pela leitura, e no caso específico deste artigo, desenvolver a linguagem poética.

Ao utilizar recursos que necessitem do acesso à internet ou dos dispositivos eletrônicos pessoais dos alunos, é relevante fazer um levantamento em cada turma antes de iniciar a atividade para que não haja constrangimentos e decepções. Quantos smartphones há na sala? Há acesso à internet? A sugestão é sempre fazer trabalho em grupos, para que ninguém fique de fora.

Ressaltamos que as sequências didáticas apresentadas podem e devem ser sempre modificadas, adaptadas e enriquecidas de acordo com a realidade de cada turma uma vez que não constituem um modelo pronto. Utilizar a literatura de cordel, o romance, o conto e ainda incluir novos aplicativos de *smartphones* para a aplicação da sequência é de grande valia. O importante é que se promova o letramento literário do estudante, desenvolvendo nele a linguagem poética da qual o mundo tanto necessita.

É possível, é viável, é interessante fazer uso das tecnologias que já estão nas mãos dos alunos a favor do letramento literário, visto que há uma infinidade de textos literários em

Littera Online

n.14, 2017

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

prosa e verso disponíveis na rede. A escola precisa estar aberta a essas inserções e tomar os devidos cuidados para que a aprendizagem seja ampliada a todos os participantes do processo,

Referências

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COUTO, Edvaldo Souza. Ler e escrever na cultura digital: rotas, nexos e redes móveis. In: CHARTIER, Anne-Marie et al. (Org.). **Identidade na era da mobilidade**. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2016.

FRADE, Isabel Cristina da Silva. Alfabetização digital: problematização do conceito e possíveis relações com a pedagogia e com aprendizagem inicial do sistema da escrita. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Org.) **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

GALLI, Fernanda Correa Silveira. Linguagem da Internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, L. A; XAVIER, A. C (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**. 2 ed, Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

GÓMEZ, Ángel I. Pérez. **Educação na era digital: a escola educativa**. Porto Alegre: Penso, 2015.

GOULART, Cecilia. Letramento e novas tecnologias: questões para a prática pedagógica. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Org.) **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LACERDA SANTOS, G. **Ensinar e aprender no meio virtual: rompendo paradigmas**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37, n.2, p. 307-320, mai./ago. 2011. Disponível em :<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022011000200007&script=sci_arttext>. Acesso em: 10. jul. 2015.

LÉVY, Pierry. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MACIEL, João Wandemberg Gonçalves; LIMA, Joselito Elias Cipriano. Letramento digital e suas contribuições à formação acadêmica e profissional. In: RIBEIRO, Ana Elisa et al. (Org.) **Linguagem, tecnologia e educação**. São Paulo: Petrópolis, 2010.

MARINHO, Francisco. Leituras móveis, leitores ubíquos: experiências em arte digital. In: CHARTIER, Anne-Marie et al. (Org.). **Identidade na era da mobilidade**. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2016.

MORAN, José Manuel. **Como utilizar a Internet na educação**. Revista Ciência da Informação, vol. 26, n. 2, maio/agosto, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651997000200006>. Acesso em: 15 jul. 2016.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração dos nativos digitais**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Fronteiras e horizontes da pesquisa em ciência da informação no Brasil. In: ALBAGLI, Sarita. (Org.). **Fronteiras da ciência da informação**. Brasília: IBICT, 2013. Disponível em: <http://www.liinc.ufrj.br/pt/attachments/319_Fronteiras%20da%20Ci%C3%Aancia%20da%20Informa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 20 set. 2016.

RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela – letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Org.) **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

RIBEIRO, Ana Elisa. Novas tecnologias para ler e escrever: algumas ideias sobre ambientes e ferramentas digitais na sala de aula. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

RIBEIRO, Otacílio José. Educação e novas tecnologias: um olhar para além da técnica. In: COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa. (Org.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jaqueline P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. O papel da leitura face ao patrimônio cultural. In: CHARTIER, Anne-Marie et al. (Org.). **Identidade na era da mobilidade**. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2016.

XAVIER, Antônio Carlos. **Letramento digital e ensino**. UFPE, 2001. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>>. Acesso em: 12. Abr. 2015.

XAVIER, Antônio Carlos. **Letramento digital: impactos das tecnologias na aprendizagem da Geração Y** Calidoscópio Vol. 9, n. 1, p. 3-14, jan/abr. 2011. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/748/149>>. Acesso em 15, jun. 2016.